

NOSSO RITMO

O outono e a época de Páscoa na
Escola Waldorf Angelim

Ano V - ED 17
Março/2022

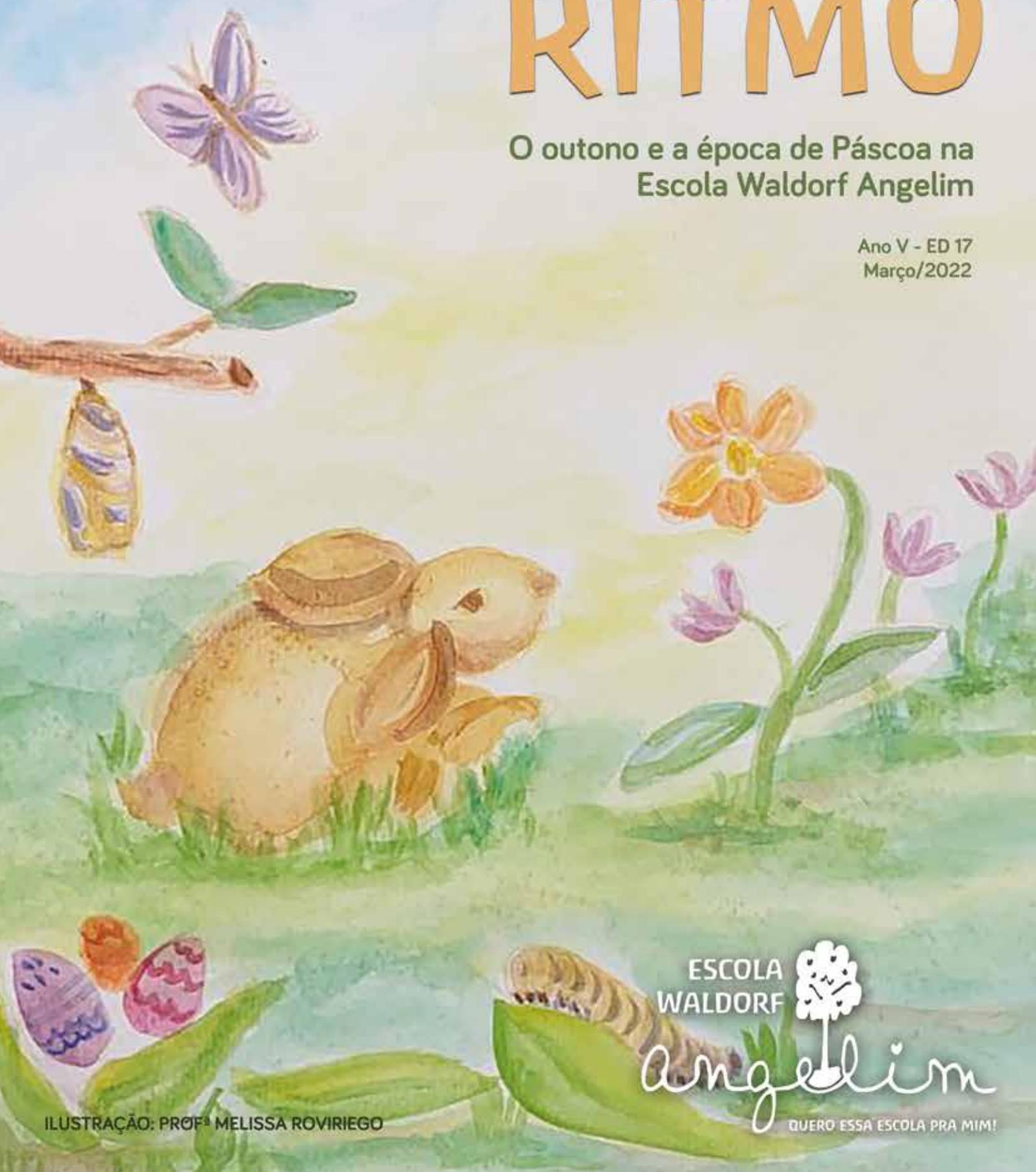


ILUSTRAÇÃO: PROFª MELISSA ROVIRIEGO

ESCOLA
WALDORF



angelim

QUERO ESSA ESCOLA PRA MIM!

EDITORIAL

Como em um casulo estamos todos nos preparando para o momento de sair em um novo e fresco ar.

Nesse casulo nos recolhemos e oferecemos a nós e às crianças alimentos anímicos como esses aqui presentes no Nosso Ritmo.

Contar histórias, cantar, compartilhar momentos juntos na preparação de receitas é proporcionar calor e esperança, é fortalecer-se diante das mudanças que a Época da Páscoa nos convida.

Manter vivas as imagens simbólicas da Páscoa vai nos aquecer e também nos transformar, no tempo que é de preparação e, nos acompanhar no tempo de ressurgir, de retornar, outros, assim como lagartas em borboletas.

Convidamos vocês, leitores, a deixarem-se permear pelo o que aqui reunimos, e, especialmente a vivenciar tudo o que aqui propomos, com a consciência de que a Páscoa é o momento de olhar pra dentro, de observar o que de novo quer se formar, e então deixar o envoltório e voar.

Aruan, Brena, Claudinha,
Lígia e Natalia

"Renova-te
Renasce em ti mesmo.
Multiplica os teus olhos,
para verem mais.
Multiplica-se os teus braços
para semeares tudo.
Destrói os olhos que tiverem visto.
Cria outros, para as visões novas.
Destrói os braços que
tiverem semeado,
Para se esquecerem de colher.
Sê sempre o mesmo.
Sempre outro. Mas sempre alto.
Sempre longe.
E dentro de tudo."

Cecília Meireles

SOBRE A PÁSCOA

Luciana Castro - Professora do Jardim de Infância



As Festas Cristãs são o cerne da Pedagogia Waldorf, os pilares do Mundo Espiritual aqui na Terra. A cada ano vivenciamos estas festas de forma espiral, como um convite para aprofundar e entendê-las ainda mais.

Elas se alternam entre expansão e recolhimento. Assim, o Carnaval é marcado pela expansão e a Páscoa, pela contração.

Viver as Festas Cristãs como adultos significa trilhar um caminho de desenvolvimento. Para as crianças, significa permear a infância de verdadeiro significado: o que cuidamos hoje mais tarde será transformado em resiliência, religiosidade, gratidão... “As mãos que na infância se juntaram para agradecer na vida adulta se abrirão para abençoar” - Provérbio chinês.

Cada festa também carrega um convite para nos reconectarmos com a natureza, percebermos a beleza de cada dia, a diferença do céu quando estamos vivendo a Páscoa para o Céu da época do Natal.

As festas cristãs nos trazem especialmente a oportunidade de mais uma vez olharmos o caminho de Cristo. A Páscoa nos remete ao recolhimento, ao momento de acalmar nossos medos. É um período de grande transformação espiritual. De olharmos para o que precisamos deixar ir, como as folhas de outono que se vão. E o que eu precisamos iluminar novamente.

No Jardim, não trazemos esta época para as crianças de forma consciente, mas por imagens. Neste sentido, “a lagarta que come, come, come e num lindo casulo se enrola... Passa o tempo, vem a chuva, o Sol e num belo dia numa linda borboleta se transformou...”.

Fazemos lagartas de lã, feltro, papel crepom e as colocamos nos móveis e cantinhos de época. Depois de um tempo (um pouco antes do Domingo

de Páscoa) as enrolamos em casulos (que também podem ser feitos com lã, feltro, lã cardada) e após o Domingo de Páscoa trazemos as borboletas (que também podem ser de lã, feltro, papel...). As salas e a nossa Escola ficam enfeitadas de lindas borboletas!

Lá fora, nosso Jardim também fica cheio de lagartinhas e de borboletas! As crianças que são tão unas com a Natureza logo percebem este presente!

A lagarta como nós e nossos pequenos, precisou “se alimentarmuito” (alimento anímico), para depois acalmar suas angústias e “aceitar” ser enrolada num casulo, aceitar a Morte do que precisa morrer... E então nos transformamos em lindas borboletas e festejamos a Páscoa, a época do amanhecer!

As rodas, histórias e cantinhos de época no Jardim de Infância são formas de traduzirmos um pouco de cada época para as crianças: trazemos o que estamos vivendo no macrocosmo para o microcosmo da sala.

Viver, de verdade, cada uma dessas épocas com nossos filhos nos reconecta com o mais divino em nós. Quando nos movemos no sentido de preparar algo para eles, estamos imbuídos de um ideal e isto reverbera hoje e sempre nas crianças.

Não precisamos fazer muitas coisas, cada um pode escolher algo para viver a época junto com os pequenos: fazer borboletas de papel, coelhinhos de pompom, orelhinhas de coelho, rosca da Páscoa...

Quando estamos fazendo algo com sentido nosso tempo se torna, como o tempo das crianças, um tempo de Deus e não um tempo cronológico e assim conseguimos viver, realmente, cada época em sua plenitude!

Que nossa Páscoa seja cheia de Vida!

A PÁSCOA: UMA FESTA DO OUTONO

Andréa R. Maiolino Costa - Professora do 5º ano

O final de março inaugura a estação do outono. Com o equinócio, dias e noites têm a mesma duração. Conforme o tempo caminha em direção ao inverno, percebemos lentamente os dias ficarem cada vez mais curtos, o entardecer mais cedo e as noites mais longas. Um período importante de recolhimento para a natureza. Esse é o cenário no qual a Páscoa está inserida no hemisfério Sul, onde vivemos. As águas de março vão fechando o verão. O clima fica cada vez mais seco, o crescimento das plantas se retrai. As folhas caem. Muitas plantas ficam tão secas e sem folhas que parece que estão mortas.

Tudo lá fora parece estar morto, a natureza antes viva e verdejante parece agora perecer e se recolher. É nesse momento, de introspecção, que a natureza reúne forças que são capazes de gerar novos impulsos para a vida. A Páscoa, festa que comemoramos todos os anos, carrega esse mistério: o mistério da transformação, da ressurreição, daquilo que depois de morto gerou uma nova vida.

Para as crianças, olhar a natureza é sempre

muito prazeroso e surpreendente. Nessa época do ano, elas podem observar as lagartas rastejando pelas folhagens; as folhas que secam no alto das árvores e, ganham uma tonalidade amarelada e marrom, logo caem; as árvores mais frondosas perdem suas folhas e ganham uma aparência mais ressequida, retorcida e frágil. Dos casulos nascem as borboletas. As flores geram seus frutos. O sacrifício, a perda e a dor da transformação se tornam visíveis nos eventos da natureza. Na observação, sem ter que explicar nada, as crianças se vinculam a esses sentimentos e vivenciam a Páscoa de maneira mais genuína. Através de seus olhares atentos e curiosos, todos os segredos se revelam no silêncio.

Para nós adultos, o convite é: aprender com as crianças a observar a natureza. Não nos limitar ao que as tradições nos trazem, mas buscar uma nova forma de nos relacionar com as festas cristãs. A natureza, como revelação de todas as leis cósmicas, nos fornece as imagens que nos ajudam a encontrar e nos conectar com uma realidade mais sensível.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA PARA LEITURA:

- O caminho de Cristo – Evelyn Scheven
- O ser humano como sinfonia das forças universais – Rudolf Steiner
- Site Festas Cristãs: www.festascristas.com.br

SOBRE A PASCOELA

Fonte: Colibri - Páscoa 2006

Na Espanha, Itália, Portugal e muitos países da Europa comemora-se até hoje a Pascoela, na segunda-feira após a Páscoa. Seu significado é “Páscoa Pequena” e essa tradução deriva da Itália. O motivo desse feriado, historicamente falando, é que os comerciantes, por não poderem festejar a Ressurreição de Cristo no domingo, visto trabalharem nessa data, aguardam e a comemoram na segunda-feira.

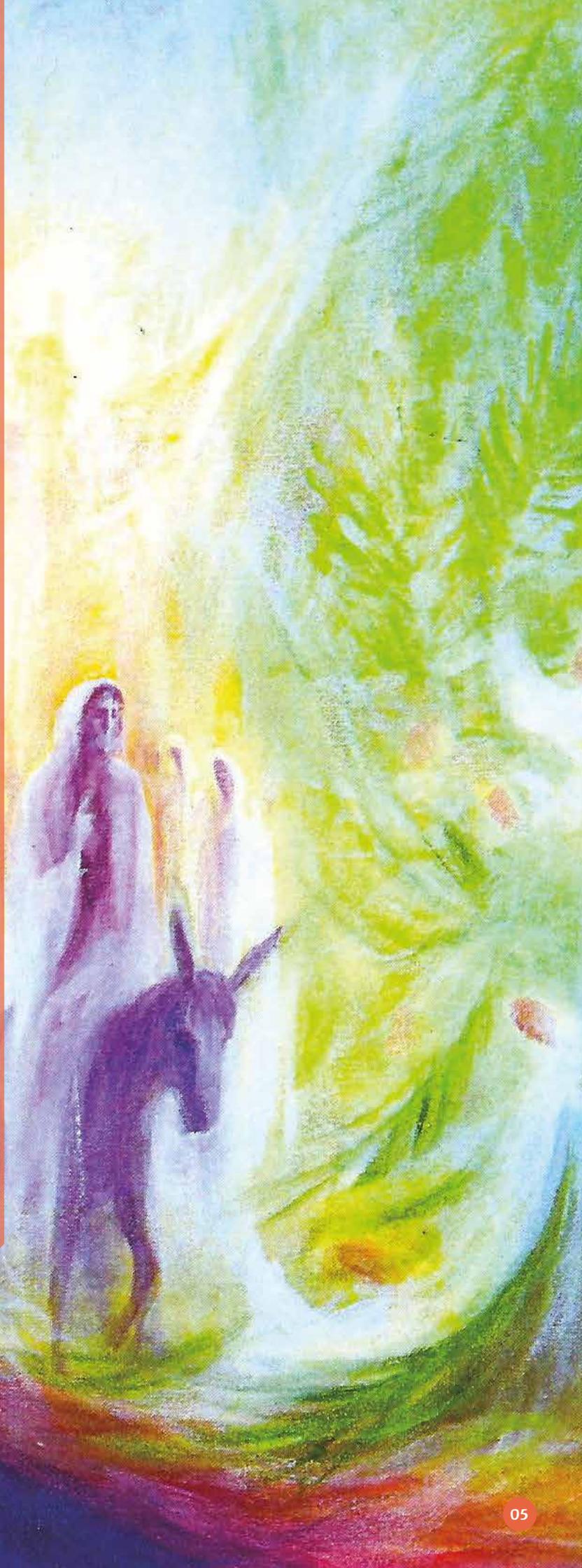
Além disso, a Pascoela simboliza o prolongamento do próprio domingo de Páscoa que ocorria em muitas religiões 7 dias após a Páscoa.

PASCOELA NA ESCOLA WALDORF

Nos dias de hoje precisamos fazer um grande esforço para estarmos presentes no verdadeiro sentido da época. Hoje a Páscoa pode ser só uma data para o consumo de chocolate, encontrar ovinhos, brincar e aproveitar o feriado prolongado.

Por isso, em várias escolas Waldorf, reservamos a 2ª feira após o domingo de Páscoa como um momento de PAUSA e RESPIRAÇÃO para, assim, de fato, vivenciarmos o sentido da Páscoa. Além disso, contruímos um intervalo de 5 dias que atua como uma pausa de outono, visando manter um ritmo saudável e oferecendo às crianças um pequeno recolhimento, assim como nas outras estações que seguem o ritmo de trabalho e pausa (férias de verão, férias de inverno e recesso de primavera).

Como sugestão, as famílias podem aproveitar a Pascoela para fazer refeições mais leves, após possíveis excessos de chocolates ou do almoço de domingo. É um dia de recolhimento, ficar em casa, aproveitando para fazer uma boa limpeza na casa com ajuda das crianças. É também uma ótima oportunidade de arrumar o armário e separar roupas que já não servem mais e podem ser doadas. É um ótimo símbolo de como podemos “abandonar as roupas usadas” no verso do poeta Fernando Pessoa, tão adequado para a época da Páscoa e para a transformação de cada um.



MESAS DE ÉPOCA

A mesa de época é a representação do macrocosmo, tanto em casa como na sala de aula.

Com ela, a criança pode vivenciar concretamente o que acontece na natureza, na vida humana e no plano espiritual.

As mesas de época são quadrimembradas no tempo e trimembradas no espaço. Na quadrimembração, vamos representar as estações do ano e na trimembração: céu, terra e homem.

O ser humano deve sempre estar presente na mesa, trabalhando, pescando, soltando pipa, dançando, rezando aos mortos, assistindo ao nascimento, etc. É nele que a criança espelha sua humanidade. Faz companhia ao ser humano, as plantas, os animais e os elementos da natureza em perfeita harmonia. O ambiente onde o homem habita é sempre bom,

sempre belo e sempre verdadeiro.

O céu povoado de seres alados, anjos, pipas, pássaros, possui as mais lindas cores, do alvorecer ao anoitecer.

A terra reflete a cor dos arcanjos, ela é repleta de segurança e firmeza. Pode-se apresentar colinas, deixar correr rios que despencam em cachoeiras... Ela também é cultivada, tem musgo, plantinhas, faz brotar o trigo. Abriga as sementes e as folhas, pode ser seca e fofa, como a areia da praia. Está sempre apresentando as qualidades da época. É importante que a criança aprenda a respeitar a mesa de época, não utilizando-a como brinquedo.

Que tal preparar uma bem especial para a Época de Páscoa?



CRIANÇAS MENORES DE 3 ANOS

VER SINHO

"As folhinhas estão caindo, é o outono que chega de mansinho...folhas secas e amarelas, quando sopra o vento forte caem todas elas!"



CRIANÇAS DE 3 A 6 ANOS

O Coelho de Páscoa

conto russo recontado por Chista Glass

Era uma vez um pai coelho de Páscoa e uma mãe coelha de Páscoa que tinham sete filhos. Ao aproximar-se a época da Páscoa, eles resolveram testar os coelhinhos para ver qual deles era o verdadeiro "coelho de Páscoa".

A mãe pegou uma cesta com sete ovos e pediu para que cada filho escolhesse um para esconder.

O mais velho pegou o ovo dourado e saiu correndo por campos e montes até chegar ao portão da escola, mas deu então um salto tão grande e tão apressado que caiu de mau jeito quebrando o ovo. Esse não era o verdadeiro coelho de Páscoa.

O segundo escolheu o ovo prateado e pôs-se a caminho. Ao passar pelos campos encontrou a raposa. Esta queria comer o ovo e pediu-o ao Coelho. Ele não lhe quis dar. A raposa prometeu-lhe então uma moeda de ouro, conseguindo assim que o coelho a seguisse até sua toca. Chegando lá, a raposa escondeu o ovo e, com cara feia, mostrou os dentes como se quisesse comer o assustado coelhinho que saiu correndo o mais que pôde. Esse também não era o coelho de Páscoa.

O terceiro escolheu o ovo vermelho e pôs-se a caminho. Ao atravessar o campo encontrou-se com outro coelho e pensou: "Ainda tenho muito tempo. Vou lutar um pouco com ele". Os dois coelhos lutaram e rolaram tanto pelo chão que amassaram o ovo. Também esse não era o verdadeiro coelho de Páscoa.

O quarto pegou o ovo verde e pôs-se a caminho. Quando passava pela floresta ouviu o chamado da Pega (1) que, pousada no galho de uma árvore, gritava: "Cuidado! A raposa vem vindo!". O coelho assustado olhou à sua volta procurando um lugar para esconder o ovo.

- "Dá-me o ovo que eu o esconderei em meu ninho", disse a Pega. O coelho deu-lhe o ovo mas, percebendo que não havia raposa alguma quis o ovo de volta. A Pega respondeu maldosamente: "O ovo está muito bem guardado no meu



HISTÓRIA DE MÃO

"Era uma vez uma lagartinha peluda e gordinha que subia na plantinha, para comer as folhinhas.

A primeira ela comeu, a segunda ela mastigou, a terceira ela engoliu, e a quarta ela devorou.

Veio um raio de sol e a enrolou, veio a chuva, o vento e outro raio de sol e a despertou.

Upa, duas anteninhas!

Upa, duas perninhas!

E uma linda borboleta se transformou!"

ninho. Vem buscá-lo se quiseres". Esse também não era o verdadeiro coelho de Páscoa.

O próximo escolheu o ovo cinzento. Quando ia andando pelo caminho chegou a um riacho. Ao passar pela ponte viu-se espelhado nas águas. Ficou tão encantado com sua própria imagem que se descuidou do ovo indo este se espatifar numa pedra. Esse também não era o coelho de Páscoa.

O outro coelhinho escolheu o ovo de chocolate e pôs-se a caminho. Encontrou-se com o esquilo que lhe pediu para dar uma lambida no ovo. - "Mas este ovo é para as crianças", disse o coelho.

O esquilo insistiu tanto que o coelho deixou que ele desse uma lambida no ovo. O esquilo achou-o tão gostoso que o coelhinho resolveu dar também uma lambidinha. Lambida vai, lambida vem, os dois acabaram comendo o ovo. Esse também não era o coelho de Páscoa.

Chegou então a vez do mais jovem. Ele escolheu o ovo azul. Quando passou pelo campo, veio-lhe ao encontro a raposa, mas o coelho não entrou na conversa dela e continuou o seu caminho. Mais adiante encontrou o outro coelhinho que queria lutar com ele, mas ele não parou. Continuou caminhando até chegar à floresta. Ouviu os gritos da pega - "Cuidado! A raposa vem vindo!". O coelho não se deixou enganar e continuou seu caminho. Chegou então ao riacho e cuidadosamente atravessou a ponte sem olhar para sua imagem refletida na água. Encontrou-se mais adiante com o esquilo mas não lhe permitiu lamber o ovo, pois este era para as crianças.

Chegou assim até o portão da escola. Deu um salto nem curto nem longo demais, chegando ao outro lado sem danificar o ovo. Procurou um esconderijo adequado no jardim da escola onde guardou cuidadosamente o ovo. Esse era o verdadeiro "Coelho de Páscoa"!

(1) Ave que vive na Europa e que leva objetos cintilantes para seu ninho

Jonjoca

Era uma vez um coelhinho muito desajeitado chamado Jonjoca.

Vivia derrubando e quebrando tudo que estava ao seu redor.

A mamãe coelha já não agüentava mais.

Por que Jonjoca era tão estourado?

Quando corria passava pelas flores do jardim e amassava todas. Se queria dar um pulo, caía sempre no lugar errado.

Certa vez foi colher cenouras e quando voltava para casa, ao passar pela ponte, escorregou e a cesta com cenouras foi parar dentro do rio.

A Páscoa se aproximava. Papai coelho e mamãe coelha tinham muitas encomendas. Seus filhos já estavam crescidos e podiam ajudá-los. Mas mamãe lembrou da falta de cuidado de Jonjoca e proibiu o coelhinho de ajudar. Perto da casa havia um galpão onde costumavam trabalhar; enquanto uns pintavam os ovos, outros os embrulhavam com papéis coloridos.

Jonjoca olhou pela janela e viu seus irmãos, alegres trabalhando.

Ficou muito triste, foi andando, entrou na floresta e chegou na beira do lago onde os peixinhos nadavam. Havia muitas flores por ali. Jonjoca sentou numa pedra. De repente, uma borboleta pousou numa flor vermelha que havia ali vendo a tristeza do coelhinho e perguntou:

- O que aconteceu? Por que você está tão jururu?

Jonjoca contou-lhe seus problemas, era muito desajeitado, não conseguia fazer nada certo.

A borboleta resolveu ajudá-lo.

- Jonjoca, disse ela, veja como eu mexo as asas quando vôo.

E a borboleta abriu suas belas asas coloridas e voou de uma flor para outra com muita graça. Era tão leve, que quando pousava numa flor ela nem mexia.

Jonjoca estava maravilhado, nunca tinha visto tanta beleza.

Apareceram mais duas borboletas, uma de asas amarelas e outra de asas azuis. E as três voaram ao redor das flores como se estivessem dançando.

Jonjoca acompanhou cada movimento com a maior atenção. De repente, sentiu como se também estivesse voando.

Começou a pisar com muito cuidado.

Subiu na pedra e bem devagar pulou sobre a relva.

Tornou a subir e a pular. Não havia amassado nenhuma flor.

Agora ele já sabia como devia fazer.

Agradeceu às borboletas e voltou para casa.

Lá chegando, abriu a porta do galpão, sentou ao lado de seus irmãos, pegou o pincel e começou a pintar.

Papai coelho nem percebeu que Jonjoca havia entrado.

Mas, mamãe coelha tudo observava e sorriu feliz para Jonjoca.

O Burrinho

Era uma vez, onde foi, onde não foi, um rei e uma rainha muito ricos. Tinham tudo o que podiam desejar. Só não tinham filhos.

A rainha queixava-se noite e dia:

- Sou como um campo onde nada cresce.

Finalmente, Deus satisfez seus desejos. Mas, quando a criança veio ao mundo, não tinha aspecto de um ser humano, mas o de um burrinho.

Desesperada, a mãe rompeu em lágrimas e queixas, exclamando que preferia ter ficado sem filhos a ter ganho um burro. Mandou atirá-lo ao rio para que os peixes o devorassem. O rei, porém, interveio:

- Não! Já que Deus o enviou, ele será meu filho e herdeiro. Após minha morte, subirá ao trono e usará a coroa real!

Criaram, pois, o burrinho. Ele foi crescendo e assim também iam crescendo as orelhas: altas e retinhas que eram uma beleza. Além disso, tinha gênio alegre, saltava e brincava por toda parte. Logo demonstrou um especial gosto pela música, a tal ponto que procurou um mestre famoso, a quem foi logo dizendo:

- Ensina-me a tua arte, pois quero tocar alaúde tão bem como tu.

- Ah, meu pequeno senhor! - suspirou o músico - vai ser difícil. Vossos dedos são impróprios e, além disso, muito grandes. Temo que as cordas não agüentem.

Mas de nada serviram suas evasivas. O burrinho manteve-se firme no que decidira. Estudou com vontade e aplicação. Até que por fim tocava o alaúde tão bem quanto o mestre.

Um dia, o jovem senhor saiu a passeio, pensativo, até que chegou junto a um poço. E, ao olhar-se nas águas claras, viu refletida a sua figura de burrinho. Em vista disso, ficou tão triste que resolveu correr o mundo, levando consigo apenas um companheiro fiel. Andaram de um lado para outro e, por fim, chegaram a um reino governado por um velho rei que tinha uma filha única, belíssima. O burrinho disse:

- Ficaremos aqui.

E, batendo no portão, gritou:

- Há um hóspede aqui fora. Abram e deixem-no entrar.

Como ninguém o atendeu, sentou-se e pôs-se a tocar o alaúde docemente com as patas dianteiras. Vendo aquilo, o porteiro arregalou os olhos, correu ao rei e lhe disse:

- Do lado de fora do portão há um burrinho tocando alaúde tão bem como um grande mestre.

- Deixa entrar o músico! - respondeu o rei.

Mas, ao verem entrar um burrinho, todos começaram a rir. Decidiram que o burrinho deveria sentar-se no porão com os criados para comer. Mas ele protestou:

- Não sou um burrinho comum de estrebaria, sou um nobre.

- Neste caso, senta-te com os soldados - disseram-lhe.

- Não - replicou ele - quero sentar-me junto ao rei. O rei começou a rir e disse, bem humorado:

- Pois faça-se como pedes, burrinho. Fica a meu lado.

Em seguida, perguntou:

- Burrinho, que tal achas a minha filha?

O burrinho voltou à cabeça para olhá-la e, fazendo um gesto de aprovação, respondeu:

- É tão linda como jamais vi outra.

- Então, podes sentar-te ao lado dela - disse o rei.

- Com muito gosto! - exclamou o burrinho - e sentou-se ao lado da princesa. Comeu e bebeu, comportando-se com finura e correção.

Tendo já passado algum tempo na corte daquele rei, o burrinho pensou:

- De que me adianta tudo isso? Tenho de voltar para casa. E, triste e cabisbaixo, foi ao soberano para despedir-se. Mas o rei, que já havia criado por ele um grande afeto, disse-lhe:

- Que há meu burrinho? Pareces azedo como vinagre. Fica comigo e te darei o que pedires. Queres ouro?

- Não - respondeu o burrinho, sacudindo a cabeça.

- Queres riquezas, jóias?

- Não.

- Queres a metade do meu reino?

- Oh, não!

- Ah, se eu pudesse imaginar o que te faria feliz! - exclamou o rei

- Quem sabe queres casar com minha filha?

- Oh, sim! - respondeu o burrinho - Isto sim, bem que quero. Em seguida ficou alegre e disposto, pois era aquele seu maior desejo. Celebrou-se, então, uma esplêndida festa de casamento. À noite, quando os noivos foram conduzidos aos seus aposentos, o rei, querendo saber se o burrinho se comportava com gentileza e correção, ordenou a um criado que se escondesse no quarto. Quando os recém-casados estavam no dormitório, o noivo correu o ferrolho da porta, olhou ao redor e, supondo que estavam a sós, tirou, de repente, a pele de burro, transformando-se num belo jovem de porte real.

- Agora estás vendo quem sou - disse o jovem à princesa - e vê, também, que não sou indigno de ti.

A noiva ficou muito alegre, beijou-o e gostou dele com todo o coração. Mas, ao chegar à manhã, ele se levantou e pôs novamente a pele de burro, de modo que ninguém pôde suspeitar quem se ocultava embaixo dela. Não tardou em aparecer o velho rei, exclamando:

- Vejam só, o burrinho já se levantou! Mas tu - prosseguiu, dirigindo-se à sua filha - deves estar bem triste por não teres um marido igual aos outros.

- Oh, não meu pai! - respondeu ela - gosto muito dele. Quero ficar com ele para o resto da minha vida.

O rei ficou surpreso, mas o criado que se havia escondido, chegou a ele e lhe revelou tudo.

- Não pode ser verdade! - exclamou o rei.

- Pois espia na próxima noite e vê com seus próprios olhos - disse-lhe o criado - e dou-lhe um bom conselho, Senhor Rei: tira-lhe a pele e joga-a no fogo. Assim ele será obrigado a apresentar-se na sua forma verdadeira.

- É um bom conselho - concordou o rei.

À noite, enquanto dormiam, o rei entrou de mansinho no quarto e, ao aproximar-se da cama, pôde ver, à luz do luar, um belo jovem adormecido. A pele de burro estava estendida no chão. Apanhou-a e saiu. Em seguida, mandou acender uma fogueira bem grande e nela jogou a pele. E não se afastou do fogo até que a pele de burro estivesse completamente queimada e reduzida a cinzas. Querendo ver o que faria o príncipe ao despertar, passou toda a noite de vigia, com o ouvido atento. Ao clarear do dia, o jovem saltou da cama para meter-se na pele do burro, mas não a encontrando em parte alguma, assustou-se e exclamou tristemente:

- Agora só me resta fugir!

Mas quando ia saindo, encontrou o rei e este lhe disse:

- Meu filho, aonde vais com tanta pressa? Fica aqui. És um homem tão belo que não desejo perder-te. Te darei a metade do meu reino e, quando eu morrer, ficarás com o resto.

- Pois que o que teve um bom princípio tenha, também, um bom fim - respondeu o rapaz e disse ao rei: - Ficarei convosco.

E o velho rei deu-lhe a metade do reino. Quando, depois de um ano, morreu, o velho e bondoso rei deixou-lhe o restante. Além disso, com a morte de seu pai, ganhou mais um reino. E, assim, viveram muito felizes.

O Pintarroxo

Lenda

Jesus agonizava...

E um pequeno pássaro, sentado numa moita perto dali, viu os espinhos que lhe perfuravam a testa, e cheio de tristeza pensou:

- Ninguém se acerca para amenizar-lhe o sofrimento, ninguém!

Vooou para a cruz e com o bico conseguiu arrancar

um espinho da cabeça do Divino Mestre.

Mas uma gota do sangue de Jesus lhe manchou as penas do peito, que se tornaram roxas.

E como lembrança eterna do seu feito, o pintarroxo, ave de canto tão agradável, se destaca pela cor roxa no peito.

A Vela

Leon N. Tolstoi (tradução livre de Monica Von Beckendorff)

Era uma época em que ainda existiam escravos e senhores. A estória se passou na Rússia. Os senhores eram de diferentes tipos: uns tratavam bem seus escravos, porém outros eram desumanos e cruéis, mandando açoitar-los por qualquer motivo, além de mantê-los prisioneiros.

Havia um certo senhor que possuía uma grande fazenda com gado, lagos, florestas, plantações imensas etc., etc.

Certa vez, ele foi até uma fazenda vizinha e trouxe um escravo para ser seu administrador. Os escravos pensaram..." queira Deus que nossas vidas melhorem, pois sendo ele um escravo terá consideração por nós e nos compreenderá..."

Porém, isto não aconteceu, ao contrário. Como ele nunca havia tido o poder, não soube exercer esta autoridade e com excessiva maldade e ganância começou a executar sua função de administrador.

Ele instituiu trabalho também aos domingos, pois tendo construído uma olaria, desejava que esta lhe desse bons lucros a qualquer custo.

Algumas pessoas foram se queixar ao patrão, mas este preferiu deixar as coisas como estavam. Não queria se aborrecer.

Quando o administrador soube do acontecido ficou furioso e iniciou uma verdadeira perseguição aos subordinados. Tornou-se o "Temido" por todos,

pelos maldades e crueldades.

Começou então um sentimento de desassossego, uma insatisfação crescente, uma revolta contra o administrador cruel, que não respeitava os seres humanos e seus direitos.

Alguns chegaram a pensar em matá-lo, "Será que seria pecado tirar a vida de um homem tão cruel?! Seria um crime contra Deus?! Até parecia que seria um favor para todos os escravos..., seria até possível que Deus os perdoasse... "assim pensavam muitos escravos.

Estavam na Quaresma e a Páscoa já se aproximava.

Certa noite surgiu o administrador na colônia, gritando e gesticulando furioso...

- "Quem abateu aquele carvalho acolá? Quem foi?! Se não acusarem eu mandarei açoitar todos... respondam?! Já. Quem é o responsável por aquilo?"

- "Sidor" sussurram alguns homens apavorados...

De repente o administrador desceu do cavalo, esbofeteou um homem, deu-lhe um tremendo soco quebrando-lhe o maxilar e chicoteou-o.

Por quê? Todos estavam assustados...

Simplemente porque o monte de gravetos para o fogo era muito pequeno.

Diante dos olhares indignos de tantos escravos.



A CRIANÇA DE 12 ANOS E A PREPARAÇÃO PARA O NASCIMENTO DO CORPO ASTRAL

Ana Paula Galdino - Professora do 8º ano

O segundo setênio é um período de grandes e importantes transformações no desenvolvimento da alma humana e culmina com o desabrochar da individualidade por volta dos 12 anos, período de preparo para o nascimento do corpo astral, que acontece por volta dos 14 anos.

Na troca dos dentes, em torno dos 7 anos quando a criança ainda vive entregue ao mundo paraíso em toda sua ingenuidade e fantasia, sua relação com os adultos é de plena confiança e veneração pela autoridade amada (querer). Por volta dos 9 anos, a criança vivencia o “Rubicão” uma fase de distanciamento entre ela e os adultos, entre ela e o mundo, causa-lhe grande insegurança. Inconscientemente, sua recém-chegada individualidade, começa a questionar a autoridade e busca justificar sua admiração e veneração para reencontrar a segurança (sentir). Entre os 10 anos, a criança já está mais adaptada à sua própria individualidade e entra em uma fase mais harmoniosa, de beleza, atividade e entrega interessada. Até então, o que ensinamos para a criança deve ser isento de conceito e casualidade.

Chegado os 12 anos, o corpo vive o início da puberdade e a alma humana, o despertar da individualidade. Agora ela acorda para a auto-confiança na sua própria capacidade de julgamento e a compreensão de conceitos e das relações de causa e efeito. Nessa época estão na sua maior capacidade de raciocínio e sua intelectualidade precisa ser orientada e estimulada (pensar). Os adultos devem harmonizar o pensar, o sentir e o querer dos jovens. Com estímulo conscientes, que desperte sentimento ético pela existência, desenvolva capacidades amplas, mentais, emocionais e volitivas com as vivências de fenômenos nesse mundo belo.

No final desse setênio, entre 12 e 15 anos, quando acontece a puberdade, são complexos os processos de transformação dentro do corpo. Termina a infância e inicia a adolescência. O corpo da criança perde as características da infância, com o crescimento dos membros, tronco e pescoço, no fim desse período estarão prontos os órgãos reprodutivos, a maturidade sexual. Há, portanto, o predomínio do desenvolvimento do sistema ósseo ao sistema muscular, causando uma sensação de peso no corpo. Esse desenvolvimento corpóreo exige muita atividade física interior, o que por outro lado, causa grande inatividade no mundo (“preguiça”). Nesta fase o jovem impressiona pela quantidade de alimento que consome, assim também é com a alma, sente fome de todo tipo de estímulo e experiência. Surge o desequilíbrio na alma e a antipatia aos valores tradicionais até então aceitos. Na infância, se aprendeu algum trabalho manual ou instrumento musical, usam como ferramenta para aprimorar suas experiências, pois exercita habilidades e dedica sua força de vontade por um hábito e não por uma imposição.

Os adultos são constantemente testados, alvos do poder da palavra e de atitude inconsequente, onde o jovem exercita a satisfação de sentir a própria personalidade. O jovem agora quer saber tanto o que o adulto conhece de cada assunto, quanto a sua opinião. Torna-se cruelmente crítico e tem

prazer em questionar motivos e por em dúvida as opiniões. Assim, o princípio da autoridade amada, revelado no início do segundo setênio, deixa de ter tanto valor. Porém, quando sentem nossa força atenciosa, objetiva e firme, respondem com interesse e carinho. É importante ter o adulto como referência de valores éticos e morais para se sentirem seguros. A personalidade adolescente é provisória e se alterna. Busca a solidão, pelo isolamento em seus sonhos e imagens, ao mesmo tempo que possui a necessidade de estar com amigos e companheiros. É áspero e grosseiro por fora por não suportar a presença interior. Nesse momento devemos julgar e criticar o ato errado, o comportamento e não o sujeito desses julgamentos. Apenas o ato é ruim, não o jovem. Ele precisa de alguém presente, que o escute, o compreenda e oriente.

O corpo e a alma recém-chegados, estão curiosos e inseguros diante de um mundo maravilhoso a ser dominado. Para enfrentar com liberdade os desafios e perigos, precisam estar impregnadas por julgamento moral e sentimento religioso. O adulto deve orientar esse ser humano no mundo ensinando através de vivências e exemplos que despertem o sentimento e o julgamento. É preciso educar o jovem para que considerem moral e religião tão integrantes de sua condição humana que não se sentirão como pessoas completas se não estiverem permeados pela moral e aquecidos pela religião. Assim, ao despertar a capacidade de juízo o jovem possa confiar na força de seu julgamento.

Como exemplo, vejamos o outono, a Época de Páscoa. O jovem não aceita mais apenas as imagens trazidas no início do segundo setênio, precisam exercitar a compreensão de conceitos e das relações causa e efeito. O adulto deve fazer o exercício interior de vivenciar o significado espiritual da Páscoa como uma festa repleta de arquétipo. Assim, será capaz de proporcionar sensações que estimulem a capacidade de raciocínio e a intelectualidade do jovem quanto ao conteúdo anímico dessa época do ano.

Uma oportunidade de despertar a capacidade de juízo é o jovem ser orientado a buscar consciência nas imagens que a Páscoa representa. Temos a Tradição cristã, onde a Páscoa tem grande importância. Após os quarenta dias da quaresma e a consciência dos acontecimentos vivenciados por Jesus Cristo durante a Semana Santa, os cristãos comemoram, no domingo de Páscoa, a glória da ressurreição de Cristo. A paixão, morte e ressurreição nos deixou o legado de uma nova vida após a morte, e a partir de quando Seu corpo e sangue penetraram nas profundezas da terra ela se torna um centro de luz, vivificada pelo Eu do Cristo.

Diante disso, o adulto deve conduzir o despertar do jovem através de atividades artísticas, essenciais, nessa fase. Através do encontro consigo cria-se as bases do comportamento ético, o sentimento de fraternidade e de reverência aos mistérios da vida e da natureza. Nessa fase, a virtude que a criança precisa ver manifestada no mundo, é a beleza. O mundo é belo!

RITUAIS EM FAMÍLIA:

PÁSCOA EM CASA



PINTAR OVOS COM PAPEL CREPOM

MATERIAL

- cascas de ovo de galinha branco vazios (veja vídeo enviado pela representante)
- papel crepom diversas cores
- água morna

MODO DE FAZER

- Adulto recorta o papel crepom com tesoura em tiras grossas - Crianças podem ajudar a picar o papel com as mãos
- Colocar o papel picado em potes com água morna (cada cor em pote separado)
- Tirar excesso de água do papel e colocar na casca do ovo, cobrindo toda a casca, podendo ser com cores diferentes para ficar bem colorido
- Deixar secando em uma bandeja de ovos ou local adequado para deixar os ovos protegidos
- No dia seguinte, ou após secar bem, retirar o papel crepom

Para fazer um enfeite com os ovos pode-se passar uma linha pelos furos do ovo, sendo o ideal colocar um pedacinho de feltro ou tecido no furo de baixo. Que tal pendurá-los em um galho seco ou planta da casa?



RITUAIS EM FAMÍLIA:

PÁSCOA EM CASA

OVOS COLORIDOS COM GIZ DE CERA E VELA

MATERIAL

- cascas de ovo de galinha branco vazios
- giz de cera (diversas cores) - preferencialmente giz bastão
- vela e fósforo

MODO DE FAZER

- Com auxílio de um adulto que acenderá a vela e dependendo da idade da criança o adulto coloca o giz no fogo e entrega para a criança colocar o giz derretido na casca do ovo. As crianças podem pintar bolinhas só encostando o giz na casca ou tentar fazer outros enfeites.

OVOS DE BARBANTE OU LÃ

MATERIAL

- cascas de ovo de galinha branco vazios
- barbante ou lã
- cola líquida

MODO DE FAZER

- Passar cola líquida na ponta do dedo da criança e espalhar pela casca do ovo
- Colocar barbante ou lã em volta do ovo

OVOS COZIDOS PINTADOS COM GIZ

MATERIAL

- ovo de galinha branco cozido
- giz de cera de diversas cores

MODO DE FAZER

- Após cozinhar os ovos e esperar esfriar, as crianças podem pintar com giz de cera
- O ideal é fazer no dia que serão consumidos ou guardar na geladeira. A sugestão é que a família troque entre si os ovos pintados, resgatando um costume europeu que surgiu antes da troca de ovos de chocolate.



ALIMENTAÇÃO

O que comer no Outono?

Fonte: Manual do Herói, de Sônia Hirsch

Estamos saindo do verão, da energia de expansão e do ar morno, muitas vezes quente. Com a chegada do outono, entramos num período fresco, que nos conduz ao recolhimento. Tudo o que acumulamos desde o outono passado deve ter saído e agora é hora de acumular novamente para enfrentar, logo mais, o inverno.

Nesta época devemos começar a refeição com um pouco de sabor ácido, que poderá vir daquelas azedinhas, que as crianças tanto adoram, do limão, da tamarindo ou da salsinha. Servem para proteger, principalmente o fígado, que é um general no comando das forças internas. Seguiremos com alimentos mais cozidos, de natureza morna, isto é, alho-poró, batata-doce, cebola, gengibre, abobrinha, folhas de mostarda, pistache, uvas, coentro, cominho e, especialmente, as sopas.

Se você utiliza carnes na sua dieta, comece com elas devagarzinho, para se aquecer profundamente. Por exemplo, no caldo da sopa pode usar galinha, peixe, ostra.

Atenção também para o que produz fluido: o outono é seco e se não houver umidade os pulmões e intestinos sofrem. Defumados? Não se recomenda. Frutas? Melhor ir comendo as secas, especialmente o damasco, que é ácido, e as de natureza morna, que são raras. Maças ao forno, recheadas com mel e tahine fazem bem no outono.

Observe seu corpo à medida que a temperatura externa vai caindo; se estiver sentindo frio, principalmente nas extremidades, comece a colocar uns pauzinhos de canela no seu mingau matinal e evite comidas cruas. Coma pão de centeio, que tem sabor amargo

Frutas da época:

abacate
banana
caqui
maracujá
tangerina



RECEITA

ROSCA DE PÁScoa

MASSA

6 xícaras de farinha de trigo integral
2 ovos
3 colheres (sopa) de açúcar mascavo
1 colher (sopa) de óleo
1 colher (café) de sal
2 tabletes de fermento
1 xícara de leite

Dissolver o fermento no leite morno, acrescentar os demais ingredientes, amassar e deixar descansar por aproximadamente 40 minutos.

RECHEIO

100 grs. de manteiga
1 xícara (chá) de açúcar mascavo
100 grs. de coco ralado

Misturar todos os ingredientes

COBERTURA

1 copo de leite
1 xícara (chá) de açúcar mascavo
1 colher (café) de baunilha
1 colher (café) de canela em pó
Pode-se acrescentar frutas secas, nozes, passas a gosto

Misturar tudo no fogo brando até engrossar

Depois de crescida a massa, abri-la com rolo e passar sobre ela o recheio. Enrolar a massa em forma de rocambole e passar a cobertura. Assar por 45 minutos a 240 graus, pré-aquecido.

MÚSICAS PARA A ÉPOCA que alegam e dão ritmo

COELHINHO FOI PASSEAR
PASSEAR SOZINHO
NARIZ PARA O ALTO,
NÃO VIU O RIO.
PLUFT ELE CAIU, CHUÁ!!!

COELHINHO ESTÁ PASSEANDO
NA FLORESTA ESTÁ PULANDO,
UMA CASA FOI ACHANDO,
ELE QUER ENTRAR,
ABRE A PORTA RAPIDINHO
PARA O LOBO NÃO ME ACHAR,
ENTRE LINDO COELHINHO,
VOU LHE ABRAÇAR

BORBOLETA AZUL,
VOA PELOS CAMPOS,
CAMPOS MULTICORES
CHEIOS DE FLORES .
VOA PELOS ARES,
NO AZUL DO CÉU,
BRINCA COM O VENTO,
COMO UM VÉU

LAGARTA ARRASTA SE NO CHÃO,
COMENDO FOLHINHAS
DE MONTÃO..
COME, COME E NÃO PARA NÃO!

O OUTONO ENTROU FOLHAS VÃO CAIR,
VOU ME AGASALHAR,
FRIO NÃO VOU SENTIR
O INVERNO ENTÃO,
VAI SE APROXIMAR E
EM MEU CORAÇÃO,
O SOL VAI BRILHAR

COELHINHO DA PÁSCOA
É UM BOM ANIMAL
ELE ESCONDE OS OVINHOS
NO JARDIM E NO QUINTAL
AS CRIANÇAS CONTENTES
LOGO IRÃO PARA VER
OS OVINHOS QUE O COELHINHO
ACABOU DE ESCONDER

EU SOU UM COELHINHO
ORELHUDO E PELUDINHO,
EU SOU UM COELHINHO
MINHA VIDA É SÓ PULAR,
MINHA SOMBRA É ENGRAÇADA,
ORA CURTA, ORA ALONGADA,
SE EU PULO ELA TAMBÉM PULA,
FICA QUIETA SE EU PARAR,
PRA LÁ, PRA CÁ,
RABINHOS PARA O AR

QUANDO A LAGARTA SE RECO-
LHE, ELA DORME SE ENVOLVE,
NUM CASULO DELICADO,
E DA ESCURIDÃO NASCE A LUZ,
QUE DÁ VIDA A BORBOLETA,
VOA COR DE FLOR EM FLOR

QUANDO A LAGARTA SE RECOLHE,
ELA DORME SE ENVOLVE,
NUM CASULO DELICADO,
E DA ESCURIDÃO NASCE A LUZ,
QUE DÁ VIDA A BORBOLETA,
VOA COR DE FLOR EM FLOR

EXPEDIENTE

Curadoria de textos: Brenna Zanon
Diagramação: Natalia Viarengo
Revisão: Prof. Aruan
Apoio: Comissão de Divulgação

UNIDADE GRAMADÃO

Av. Aristides Mariotti, 911 - Bairro IV Centenário . Jundiá SP
11.4582.2380 | 11.95046.9104 - recepção@escolaangelim.com.br

UNIDADE ENGORDADOURO

Rua Profº Clarismundo Fornari, 2200C - Engordadouro . Jundiá SP
11.4581.7146 | 11.91151.9115 - secretaria@escolaangelim.com.br

www.escolawaldorfangelim.com.br



escolawaldorfangelim